

Aula 14: Ciência e Religião

24/05/2022



Parte I - Pensamento Científico

Texto 1:

Albert Einstein, judeu, foi um dos maiores cientistas de todos os tempos e sempre exaltou a ideia de Deus. Teilhard de Chardin foi um padre católico que se tornou cientista, louvando a ciência como instrumento de conhecimento da realidade divina. Ambos, de pontos de vista diferentes, tinham uma visão de mundo científica e ao mesmo tempo religiosa. Dizia Einstein: Ciência sem religião é aleijada e religião sem ciência é cega. (...) A meu ver, a ciência não só purifica o impulso religioso do entulho do antropomorfismo, como contribui para uma espiritualização religiosa de nossa compreensão da vida.

Albert Einstein. Escritos da maturidade. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

Texto 2:

Afirma Chardin: Aparentemente, a Terra moderna nasceu de um movimento anti-religioso. O homem bastando a si mesmo. A razão substituindo-se à crença. Nossa geração e as duas precedentes quase que só ouviram falar do conflito entre a fé e a ciência. A tal ponto que pôde parecer, a certa altura, que esta era decididamente chamada a tomar o lugar daquela. Ora, à medida que a tensão se prolonga, é visivelmente sob uma forma muito diferente de equilíbrio, não eliminação, nem dualidade, mas síntese - que parece haver de se resolver o conflito. Após quase dois séculos de lutas apaixonadas, nem a ciência nem a fé conseguiram diminuir-se uma à outra; mas, muito pelo contrário, torna-se patente que não se poderiam desenvolver normalmente uma sem a outra: e isto pela simples razão de que uma mesma vida anima ambas. (...) Religião e ciência: as duas faces, ou faces conjugadas, de um mesmo ato completo de conhecimento - o único que pode abarcar, para contemplá-los, medi-los e consumá-los, o passado e o futuro da evolução.

Teilhard de Chardin. O fenômeno humano. São Paulo, Cultrix, 1995.

Modernidade e Ciência

- Antropocentrismo e Humanismo
- Dúvidas existenciais e desilusão com o sagrado.
- Racionalismo e o Método
- Renascimento Itálico



Revolução Científica

- Galileu Galilei e o Método
- Física e Astronomia
- Deslocamento da centralidade: heliocentrismo



Parte II - A religiosidade moderna

“Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas.”

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 115. (Coleção Os Pensadores)

- Baruch Espinosa
 - Deus, ou seja, a natureza
 - “Tudo se transforma”
 - Imanência > Transcendência.



Parte III - Exercícios

1) A ciência ativa rompe com a separação antiga entre a ciência (episteme), o saber teórico, e a técnica (techne), o saber aplicado, integrando ciência e técnica. Do ponto de vista da ideia de ciência, a valorização da observação e do método experimental opõe a ciência ativa à ciência contemplativa dos antigos; assim também, a utilização da matemática como linguagem da física, proposta por Galileu sob inspiração platônica e pitagórica, e contrária à concepção aristotélica.

MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (adaptado).

Nesse contexto, a ciência encontra seu novo fundamento na

- a) utilização da prova para confirmação empírica
- b) apropriação do senso comum como inspiração.
- c) reintrodução dos princípios da metafísica clássica.
- d) construção do método em separado dos fenômenos.
- e) consolidação da independência entre conhecimento e prática

2) O conhecimento é sempre aproximado, falível e, por isso mesmo, suscetível de contínuas correções. Uma justificação pode parecer boa, num certo momento, até aparecer um conhecimento melhor. O que define a ciência não será então a ilusória obtenção de verdades definitivas. Ela será antes definível pela prevalência da utilização, por parte dos seus praticantes, de instrumentalidades que o campo científico forjou e tornou disponíveis. Ou seja, cada progressão no conhecimento que mostre o caráter errôneo ou insuficiente de conhecimentos anteriores não remete estes últimos para as trevas exteriores da não ciência, mas apenas para o estágio de conhecimentos científicos historicamente ultrapassados.

ALMEIDA, J. F. Velhos e novos aspectos da epistemologia das ciências sociais. Sociologia: problemas e práticas, n. 55, 2007 (adaptado).

O texto desmistifica uma visão do senso comum segundo a qual a ciência consiste no(a)

- a) conjunto de teorias imutáveis
- b) consenso de áreas diferentes.
- c) coexistência de teses antagônicas.
- d) avanço das pesquisas interdisciplinares.
- e) preeminência dos saberes empíricos

3) Uma parte da nossa formação científica confunde-se com a atividade de uma polícia de fronteiras, revistando os pensamentos de contrabando que viajam na mala de outras sabedorias. Apenas passam os pensamentos de carimbada cientificidade. A biologia, por exemplo, é um modo maravilhoso de emigrarmos de nós, de transitarmos para lógicas de outros seres, de nos descentrarmos. Aprendemos que não somos o centro da vida nem o topo da evolução.

COUTO, M. Interinvenções. Portugal: Caminho, 2009 (adaptado).

No trecho, expressa-se uma visão poética da epistemologia científica, caracterizada pela

- a) implementação de uma viragem linguística com base no formalismo.
- b) fundamentação de uma abordagem híbrida com base no relativismo.
- c) interpretação da natureza eclética das coisas com base no antiacademicismo.
- d) definição de uma metodologia transversal com base em um panorama cético.
- e) compreensão da realidade com base em uma perspectiva não antropocêntrica.

meSalva!

Gabarito:

- 1) a)
- 2) a)
- 3) e)



 mesalvaoficial | mesalvamed

 mesalva

 mesalva

 mesalva.com